

ANÁLISE DE FÁCIES DA FORMAÇÃO TERESINA NA REGIÃO ENTRE O CENTRO-SUL DO ESTADO DE
SÃO PAULO E O NORTE DO PARANÁ

GIANNINI,P.C.F.,pcgianni@usp.br (DGSA-IG-USP);SAWAKUCHI,A.O., (DGSA-IG-USP);ALMEIDA,R.P. (DGSA-IG-USP);WARREN,L.V. (DGSA-IG-USP);NASCIMENTO JUNIOR,D.R. (DGSA-IG-USP) & BITTENCOURT,L.R. (IG-USP)

A Formação Teresina, Neopermiano-Eotriássico (?) da Bacia do Paraná, tem sido relacionada a sistemas deposicionais marinhos rasos dominados ou influenciados por marés. Esta interpretação baseia-se na presença ubíqua de laminações heterolíticas, e na associação freqüente destas estruturas com gretas de contração. Face à monotonia aparente da unidade, a escassez de depósitos típicos de submarés constitui obstáculo à concepção de modelos paleogeográficos e de fácies. O enfrentamento deste problema pressupõe caracterizar as peculiaridades faciológicas desta unidade em diferentes porções da bacia.

Na área entre o centro-sul do Estado de São Paulo e o norte do Paraná, as fácies podem ser geneticamente subdivididas em dois grupos. O primeiro abrange fácies que evidenciam deposição sob condições evaporíticas, em zona de água rasa sujeita a exposição subaérea: biomicrito impuro com laminação ondulada microbialítica e gretas de contração (**Bog**); *wacke* margoso com laminação plano-paralela (**Wp**); brecha de matriz arenosa com clastos de arenito e/ou sillexito (**BAcas**). A última fácies corresponderia a paleossolos e horizontes evaporíticos gretados. O segundo grupo compreenderia fácies sem evidências de exposição subaérea: arenito fino intraclástico com laminação heterolítica (**AFih**); siltito arenoso com laminação *hummocky* (**SAh**); calciarenito oolítico com estratificação cruzada (**COc**); lutito com laminação heterolítica (**Lh**) e folhelho (**F**).

Nas fácies do primeiro grupo, o carbonato está mais presente como micrito ou cimento espático intergranular que como material alóctone, indicando falta de energia hidrodinâmica para formar ou transportar componentes alóbioquímicos. A mistura de micrito e lutáceos terrígenos nas fácies **Bog** e **Wp** indica a existência permanente de aporte terrígeno, em taxa variável. A associação preferencial de areia terrígena com fácies brechóides ligadas a evaporitos e paleossolos sugere origem eólica para esta areia. No segundo grupo, os sedimentos carbonáticos encontram-se representados por componentes alóctones (oóides e fragmentos de ostracodes e bivalves). Estudos petrográficos indicam também a presença de pelóides de glauconita e espículas de esponja. Fácies predominantemente terrígenas intercalam-se com fácies predominantemente carbonáticas, caracterizando variações de aporte terrígeno nas zonas submersas do sistema deposicional. Ao aumento de deposição de lama terrígena nas porções mais rasas (*wackes* margosos) corresponderiam as fácies terrígenas lutáceas nas porções mais profundas. E à redução desse aporte, com formação de esteiras microbiáticas, evaporitos e paleossolos nas porções mais rasas, corresponderia a vacuidade terrígena nas partes mais profundas, com formação de calciarenitos. A particularidade faciológica da Formação Teresina na área estudada seria o relativo aumento no porte e na frequência de aparecimento de fácies não terrígenas, tanto nas zonas com exposição subaérea (evaporitos) como nas permanentemente submersas (calciarenitos). Esta característica estaria associada à vocação regional para escassez de aporte terrígeno, ligada a peculiaridades paleogeográficas.

Quanto ao empilhamento vertical de fácies, interpreta-se, na parte superior da unidade, tendência de raseamento ascendente. Isto é indicado pelo espessamento rumo ao topo das fácies de exposição subaérea, em relação às de zonas submersas, e pelo incremento da participação de sedimentos terrígenos.